

LAURENT GAUDÉ

# FURACÃO

Tradução de Isabel St. Aubyn

I

**Um vago odor a tempestade**

Eu, Josephine Linc. Steelson, negra há quase cem anos, abri a janela hoje de manhã, à hora a que os outros ainda dormem, aspirei o ar e disse: «Cheira a tempestade.» Só Deus sabe quantas já vi, irrisórias e inquietantes, mas esta, pensei, ultrapassa todas as outras, é uma galdéria desgraçada que se aproxima e os braços do rio vão em breve começar a marulhar como charcos, quando se aproxima o comboio. Foi muito antes de se falar do acontecimento na televisão, muito antes de os cus brancos se mexerem e nos dizerem a nós, velhas negras estafadas, como devíamos agir. Esbocei então um desagradável trejeito com a minha boca ressequida por há muito não ter beijado ninguém, lamentei que Marley me tivesse deixado viúva, pois, de contrário, dir-lhe-ia que nos servisse dois cálices de licor – pese embora a hora deveras matinal – para aproveitarmos os últimos instantes antes de a tempestade se abater sobre nós. Pensei nos meus filhos que morreram antes de mim e perguntei-me, como milhares de outras vezes, por que razão não se fartaria o Senhor de me ver arrastar a minha carcaça todas as manhãs. Apertei os dois últimos botões do vestido e comecei o dia, semelhante a todos os outros. Desci do quarto lentamente porque as minhas desgraçadas pernas estão tão retesadas como madeira velha, saí de casa e caminhei até à paragem do autocarro. Eu, Josephine Linc. Steelson, negra há quase cem anos, apanho o autocarro todas as manhãs e seria necessária uma febre palustre, uma daquelas que nos revolvem o ventre e

nos fazem suar até ao rego das nádegas, para me impedir de o fazer. Primeiro, embarco no que vai até Canal Street, o miserável autocarro que atravessa o Lower Ninth Ward, o bairro onde nos amontoamos há tantos anos em casas construídas com quatro traves de madeira, viajo neste autocarro ferrugento e lamentável, porque é o único que transporta os negros que somos, de mãos calejadas e olhar cansado, levando-nos até ao centro da cidade, viajo neste autocarro cuja caixa de velocidades faz um barulho desagradável, mas apeio-me o mais depressa possível, seis paragens mais adiante. Podia ir até Canal Street mas não quero atravessar os bairros chiques naquela caranguejola. Desço logo que as pobres barracas do Lower Ninth dão lugar às casas de dois andares do centro, com varanda e jardim, paro e espero pelo outro autocarro, o dos ricos. É para viajar neste autocarro que me levanto de manhã. É neste que quero dar a volta à cidade, um autocarro de brancos que olham para mim quando subo, porque veem imediatamente que sou do Lower Ninth, foi este que escolhi e, se me levanto tão cedo, é porque quero que ele vá cheio de gente porque, quando subo, agrada-me ter à minha frente, numa dupla fila um tanto pálida, todos os que vão esfalfar-se a trabalhar. Sento-me. E faço-o sempre com um sorriso de satisfação, por muito que se surpreendam os jovens que olham para mim e se perguntem que necessidade terá uma velha como eu de apanhar um autocarro tão cedo, embora não sejam em grande número os que se interrogam sobre este género de coisas, pois em geral estão-se nas tintas, estão-se nas tintas para tudo. Faço-o porque conquistei o direito de o fazer e porque, quando morrer, quero ter passado mais dias nos bancos da frente dos autocarros do que nos de trás, de cabeça baixa, como um animal humilhado. Faço-o e sinto-me ainda melhor quando deparo com brancos velhos. Então sim, dou largas a todo o tempo de que disponho. Na verdade, eu sei que, mesmo fingindo que não é nada com eles, não podem impedir-se de pensar que houve tempos, não muito longínquos, em que o meu cheiro a negra não podia importuná-los de manhã assim tão cedo, e eu também penso nisso – de tal modo que vamos unidos num pensamento comum, embora todos nos esforcemos por não deixar transparecer nada, vamos unidos, ou antes, frente a frente – e sou eu que ganho,

sempre. Sento-me tão perto deles quanto possível, pousando uma parte das nádegas na aba de um casaco, se puder, para que sejam obrigados a puxar pelo tecido e o seu descontentamento aumente um pouco mais. Nunca nenhum daqueles velhos brancos me cedeu o lugar quando o autocarro ia cheio. Uma única vez, enquanto eu avançava pelo corredor, um homem sorriu-me, deslocou-se para o lado da janela e acenou-me para que me sentasse ao seu lado, no lugar que ficou livre. «Não tens medo das velhas vacas negras, filho?» perguntei eu, por graça. Ele respondeu-me, sorrindo: «Foi por isto que lutámos.» Desde esse dia, sempre que preciso de um prego ou de uma lâmpada – o que não acontece assim tantas vezes –, atravesso a cidade para ir à loja de ferragens Roston and Sons. De facto, aquele jovem é o filho mais novo do velho Roston e não me importo de que o prego seja mais caro do que em outras lojas, é ali que vou, em nome das lutas passadas e do travo saboroso da vitória. Eu, Josephine Linc. Steelson, negra há quase cem anos, devo ser uma grande pecadora, pois, confesso-o francamente, não me canso de ter ganho. Todas as manhãs, dou a volta à cidade de autocarro e é como se desse a volta ao meu império. Conheço os motoristas. Gostam de mim e cumprimentam-me delicadamente. Naquele dia, portanto, como em todos os outros desde há muito tempo, subi para o primeiro autocarro. Havia um lugar na primeira fila à direita do motorista e foi ali que me sentei. «Vem aí um belo dia, hem, Miss Steelson?...», disse-me ele. E como não gosto de falar sem dizer nada, como a opinião dos outros pouco me interessa, respondi, articulando bem para que todas as pessoas sentadas mais atrás ouvissem, respondi: «Não acredites, filho. O vento levantou-se do outro lado do mundo e vem aí uma tempestade desgraçada que abalará os nossos ossos de negros...»

Oh, o cansaço dos dias que lhe pesa nas têmporas, desde o despertar, precisamente desde o momento em que abre os olhos, fixando o teto amarelado do pequeno quarto do motel do Texas de onde não sai há quatro dias. Oh, a atmosfera densa e húmida e o corpo mole e pesado. Olha à sua volta e sente na nuca o contacto desagradável

da almofada sintética empapada em suor e sabe que, mais uma vez, será perseguido por aquela fadiga que o esgota e o deixa, dia após dia, tão fraco como uma sombra. A mulher, lá fora, a que acaba de bater à porta e de o acordar, agora hesita, pois não ouve barulho, apura o ouvido para saber se ele se levanta, se a ouviu, deve ser tarde, bem mais tarde do que está a pensar, não sabe, o tempo já não lhe interessa, resta-lhe apenas aquela fadiga que não distingue a noite do dia, gostaria de a ver desaparecer mas ouve-a perguntar do outro lado da porta, numa voz um pouco desolada mas decidida: «Senhor Keanu Burns?...» E ele não responde, faltam-lhe as forças e a vontade, já não sabe que é aquele o seu nome, deixa o silêncio responder e ela acaba por desistir. Ouve-a afastar-se, aliviado, provavelmente desanimada, ele sabe que ela voltará mas ficará sozinho mais alguns momentos, senta-se então na cama, em tronco nu, com a intenção de ir à pequena casa de banho sem janela passar um pouco de água pela cara, mas não consegue e deixa-se ficar ali, como uma massa dorida, a cabeça entre as mãos. Não volta a mexer-se. Continua a pensar nos mesmos rostos, nos mesmos sons, nos mesmos gritos. Partiu há quatro dias, mas a plataforma parece persegui-lo, pior ainda, não cessa de crescer dentro dele. Murmura uma oração. Oh, que lhe seja concedido esquecer um pouco. Apenas um pouco. Que alguns rostos se apaguem. Que o barulho das máquinas deixe de ressoar dentro dele. Mas não há piedade e resta-lhe praguejar, amaldiçoar e injuriar a memória que regista tudo e depois repete, durante dias e noites, aquilo de que tentamos fugir. O seu corpo exsuda, logo pela manhã, aquele medo, um torso largo e musculoso que não é o de um homem frágil mas que, logo pela manhã, se cobre de gotas de suor porque se sente sem forças frente àquela tortura. Já não tem pernas, nem músculos. A plataforma está presente. Lembra-se do dia em que chegou, quando qualquer ruído o sobressaltava, desse dia em que passara a tentar fixar tudo o que lhe diziam, as ordens, os conselhos. A impressão de ter subido para uma grande nave de tubos e de óleo, um grande monstro que vive no meio de um ruído constante de motor e de bomba. Os homens afadigam-se, cada um no seu posto – silhuetas de capacete na cabeça, protegidas por fatos inteiros impermeáveis, e ele perguntava-se como procediam para se reconhecer uns aos outros. Foi antes de

descobrir as entranhas da plataforma, o sítio onde os corpos andam quase nus, tão intenso é o calor. O cheiro a gasolina, misturado com o do vento e do mar, e o outro, que tardara a reconhecer, o do petróleo que nunca se vê. De início, quando partira – quando conduzira uma noite inteira para se distanciar o mais possível de Rose, quando decidira alcançar o Texas e ir oferecer-se para trabalhar numa plataforma de perfuração –, imaginara que teria as mãos permanentemente imersas, de dia, de noite, o rosto coberto por aquele líquido repelente que saíria das fissuras da terra, espesso e pesado. Pensava na corrida dos primeiros exploradores. O petróleo como única obsessão, até o ver debaixo das unhas, no cabelo, e de se deitar com ele entre os lençóis. Mas os tempos tinham mudado. O petróleo já não se via. Ele, pelo menos, não o via, ele, o encarregado da manutenção. A ele e a todos os que o rodeavam não lhes pediam que manipulassem máquinas enormes, alinhassem tubos, deslocassem perfuradoras. Às vezes, como é sabido, uma rutura num *pipeline* provocava uma fuga e o petróleo escorria mas não se tratava de nenhum jato festivo, mas uma chuva negra que inundava tudo e arrasava com a sua força selvagem as barracas de madeira a toda a volta. Não. Tudo aquilo era abafado pelo barulho constante de uma máquina. E depois, às vezes, oh, como esta recordação ainda era precisa, os gritos de um homem que se sobrepõem a tudo, queixume irrisório no meio de um oceano, de um homem que acaba de perder os dedos, esmagados por uma máquina, ou cuja perna se encontra imobilizada sob um enorme peso. Então toda a gente acorre mas as máquinas movem-se lentamente e o que escorre pelo chão não é petróleo mas sangue. Pequenos charcos que ninguém poderá esquecer. São eles que o rodeiam para onde quer que vá, desde o dia em que começou a gritar no meio da plataforma, a gritar cada vez mais e ininterruptamente, sem que nenhum dos camaradas que acorreram para ver se estava ferido pudesse acalmá-lo, sem que uma palavra de reconforto ou uma ordem de um superior pudesse fazê-lo voltar a si. Começara a gritar mas, mesmo assim, os seus gritos não se sobrepunham ao barulho da plataforma, que não ouvia nada, não se preocupava com os homens nem com os seus medos e continuava a bombear no mar com a avidez infinita de uma máquina.

«Senhora Rose Peckerbye? Está certa do que afirma?...» A voz da juíza ressoa com uma espécie de autoridade benevolente. Rose está de pé e olha para os sapatos. A juíza dá-lhe tempo para responder. Rose procura concentrar-se. Avista, à direita, o advogado de Mike, que segreda comentários ao ouvido do cliente. Deve rejubilar. Está com certeza a explicar-lhe que já ganharam, que se ela confirmar o que acaba de dizer, ele não terá de se preocupar nem de pagar um cêntimo. Agora que Mike compreendeu o que se pretende da resposta, encontra-se provavelmente imóvel, tenso de impaciência. «Senhora Peckerbye?», repete a juíza delicadamente para que ela se recomponha. Rose ergue os olhos e contempla o rosto daquela mulher de cerca de cinquenta anos que a olha com uma expressão de expectativa, como se ela própria se sentisse algo perdida. Há dias e noites que Rose pensa naquele momento, dias e noites que teme aquela juíza, imaginando-a uma criatura irascível que tentaria aniquilá-la a todo o custo. Mas enganou-se. O perigo não veio do lado da juíza. Sorri por sua vez. Como para agradecer à mulher a atenção que lhe testemunhou e diz simplesmente: «Sim, senhora doutora juíza, tenho a certeza.» Perpassa uma espécie de rumor pela pequena assembleia. O seu advogado – o advogado que a associação lhe destinou – procura pegar-lhe na manga, mas ela liberta-se suavemente. Como chegou àquele ponto? Já não sabe. Não viu surgir a ameaça. Não posso, pensa. A juíza recosta-se no cadeirão de cabedal com um ar dececionado. «Muito bem», diz ela num tom de voz cansado, «compreenderá então que os pedidos de pensão serão rejeitados.» E a juíza bate com o pequeno martelo na mesa, bate sem vigor, e acaba-se tudo, a miséria acaba de entrar de novo na sala de audiências e tudo espera Rose, como dantes, a vida claudicante, os erros, os olhos baixos para viver, tudo a espera e o pequeno martelo da juíza acaba de dizer que é natural, que é o que ela merece. Não tem força para se mexer nem para sair da sala. Olha de soslaio para Mike, que aperta calorosamente a mão do advogado, repetindo, incrédulo, «Então, nada?» e o outro responde-lhe com o ar de um homem que sabe permanecer modesto na vitória: «Nada.» Os seus olhares cruzam-se. Rose fixa-o. É a única pessoa na sala, a única, que sabe que ela mentiu e que

aquela mentira a condena a perder, mas Rose lê nos seus olhos que ele não faz a mínima ideia da razão que a levou a proceder daquela maneira. A ela, no fundo, afigura-se-lhe justo, talvez seja preferível que guarde os seus segredos e retome simplesmente a sua vida abjeta.

Ele ainda não se levantou da cama. A empregada está de volta e bate de novo à porta. Quanto tempo decorreu desde a última vez? Não faz ideia. A voz mostra-se mais segura, contém uma ameaça, «Senhor Keanu Burns?...», como se repreendesse uma criança, a exortasse a recobrar a razão, mas ele não consegue responder, nem abrir a porta, nem sequer concentrar-se na voz. Não consegue. Continua a pensar na longa sucessão de dias, de meses e de anos que deixou para trás quando ali chegou. Seis anos de petróleo. Seis anos que ele acaba de anular, fugindo, conduzindo sem descanso até cair, prostrado, naquele motel no meio de nada. Acreditara realmente que o petróleo seria uma nova vida. De início, corra tudo bem. A sua chegada a Houston, numa noite de janeiro de 1999, a entrada para a Matson's Oil como operário de manutenção. Quatro estações a trabalhar como um animal, sem rejeitar nenhuma tarefa, indo para onde lhe diziam que fosse, aceitando as horas que os colegas recusavam, o fim de semana, as noites, fazendo pela vida, quatro anos. Acreditara realmente que seria aquela a sua nova vida. Até ao dia, há poucas semanas, na plataforma, no meio do golfo do México, rodeado pelo mar alto que crescia na escuridão, em que dera consigo a gritar «Larguem-me! Larguem-me!», embora ninguém o manietasse. Ainda se lembrava do vento do mar, do sabor a sal, do olhar assustado dos homens que mal haviam ousado aproximar-se, e ele sem conseguir parar de repetir a ordem «Larguem-me», embora uma parte de si soubesse que era absurda, que o levaria a passar por louco e que devia cessar de a proferir. Revia-se, hirto como um fuso, no meio da plataforma, com os operários que se aproximavam lentamente e ele de dentes cerrados como se a plataforma oscilasse quando apenas as nuvens do céu se deslocavam e um chuvisco vinha, por vezes, lavar as instalações. «Larguem-me!» Tinham sido precisos quatro homens para o dominar. E hoje, quando tentava

recordar aqueles instantes, confundia-se tudo, via-se a dar pontapés para que não o agarrassem, mas via igualmente o corpo caricato de Pete MacDowell que se contorcia como uma enguia, embora se tratasse de outra cena, de outro dia, o corpo de Pete, no momento em que a sirene de alarme de incêndio ressoava por toda a plataforma. Tinha sido quanto tempo antes? Não sabia. Confundia-se tudo. A mesma imensidade do céu, ignorando a dor dos homens. O mesmo combate de músculos. A perna de Pete doía-lhe tanto que não consentia que o deitassem no chão embora o médico estivesse presente e quisesse cortar-lhe as calças para não se derreterem na pele. Mas não havia nada a fazer. Pete gritava, debatendo-se como se formigas lhe corressem pelo peito. E o cheiro a queimado espalhava-se por toda a parte. Camaradas mortos, queimados vivos em poucos segundos. E os corpos que depois foi necessário desincrustar do chão – soldados como estavam pelo calor –, corpos de homens que haviam estado a beber juntos, a conversar, a fazer a vigilância da noite, corpos de homens que foi preciso introduzir cuidadosamente dentro de sacos para não se quebrarem como pedaços de madeira calcinados. Tudo se confunde. «Agora deixe-me entrar... Preciso de arrumar o quarto.» A voz da jovem mulher, do outro lado da porta, provoca-lhe um sobressalto. Não responde. Sabe que terá de abrir porque o gerente acabará por vir ver o que se passa, pois, por muito reles que seja o motel, a mexicana tem de poder entrar e fazer o seu trabalho para que não o considerem um empecilho, neste caso mais ninguém o deixará em paz, sabe que tem de se levantar e abrir a porta porque a mulher bate de novo, mas faltam-lhe as forças, ainda continua na plataforma, sentindo as mãos que o agarram para o transportar para a enfermaria, rodeado pelas vozes dos camaradas, vozes graves que procuram ser tranquilizadoras e comedidas mas que traem o medo, encontra-se na plataforma e o corpo de Pete contorce-se de dor, três mortos nesse dia, três queimados vivos por causa de um erro na manipulação de uma alavanca e do defeito de uma peça – «Não voltará a acontecer», disse o perito alguns dias mais tarde, quando saiu do helicóptero, e nesse instante todos os presentes tiveram de se conter para não se precipitarem sobre o homem e o espancaram com todas as suas forças,

justamente porque acontecera, e pouco lhes importava que fosse a primeira vez ou não, acontecera, doravante seriam perseguidos de noite por aquele odor, doravante todos se interrogariam sobre o número de sacos mortuários existentes na plataforma, «Não voltará a acontecer» e a peça defeituosa fora substituída, evidentemente, o petróleo continuava a ser bombeado, sem descanso, dia e noite, quer o mar estivesse bravo ou calmo, pouco importava que os homens chorassem de repulsa ou de medo nos beliches, as máquinas perfuravam, «Larguem-me», elas não ouviam, «Larguem-me», continuavam a bombear e era a única coisa certa naquele local, a única coisa sólida e tranquilizadora, a máquina que bombeava, infalível. «Senhor Burns?», a mulher agora grita, precisamente no momento em que ele se levantou, passa a mão pela face e vai abrir a porta, há quatro dias que a luz não entra no quarto, ele abre, ela olha-o, estupefacta, mas não diz nada, apesar de ter chamado três vezes por ele, apesar da raiva que não parava de crescer, a mulher não diz nada, talvez ele a assuste ou talvez veja uma única coisa, que a porta está aberta e vai poder fazer aquilo para que é paga, então baixa a cabeça e entra, ele sai, dá alguns passos pelo exterior e aguarda no corredor ao ar livre que domina o parque de estacionamento, o tempo de a deixar arrumar o quarto, mas sente que ainda está na plataforma e precisa de reunir todas as suas forças para não gritar de novo, pois tem Pete no espírito e o médico ainda não conseguiu cortar as calças ao nível do joelho, o tecido queimado continua a assar a carne, «Larguem-me», «Larguem-me» e os homens à sua volta arregalam os olhos perante tanto horror, o rosto enojado e a alma transida, quando preferiam fechá-los, oh, sim, fechá-los e ouvir apenas o vento, simplesmente isso, o vento eterno que agita as vagas.